

«LITERATURA & HISTÓRIA»

(NOTAS E BIBLIOGRAFIA COMENTADA) ^(1*)

Dr. Eduardo Diatahv B. DE MENEZES

«O romance não é uma obra de imaginação tanto quanto não é um reflexo do real. Sua essência e sua necessidade residem na expressão das relações entre o real e o imaginário. »

Michel ZÉRAFFA

Roman et Société. Paris: PUF, 1971, p. 83.

«Por ventura, o Don Quixote é apenas uma farsa?»

Hermann COHEN

Ethik des Reinen, p. 487.

«... o universo fabuloso do romance não se situa fora da história e do tempo a não ser na aparência. Esse universo é intemporal porque pretende atingir a universalidade; ele justifica, por conseguinte, essa pretensão de representar a atualidade em sua totalidade, privando a sociedade que o constitui de toda temporalidade. Ao subtrair o modo de vida cavaleiresco à relatividade histórica e ao não deixá-la subsistir a não ser no sentido de um maior ou menor cumprimento do ideal cavaleiresco, o romance cortesão toma realmente consciência da história, **mas no único sentido acessível à consciência histórica da época medieval: o de uma finalidade.** » [grifo meu].

Erich KÖHLER

L'Aventure Chevaleresque. Idéal et réalité dans le roman courtois.

Paris: Gallimard, 1974, p. 46

«A grande lição que permanece deste livro é, mediante análises sólidas, sutis, brilhantes, profundas, a de haver demonstrado que «a sociologia literária tem a pretensão de constituir um método histórico-científico e não apenas uma ciência auxiliar». E eu acrescentarei que a leitura sócio-histórica das obras literárias é e deve ser a sua leitura básica. Este livro, que é um admirável exemplo disto, é um grande livro de história tout court».

Jacques LE GOFF

Prefácio in KÖHLER,

Erich: *op. cit.*, p. XXI.

1 * No desenvolvimento em curso deste trabalho, o autor teve o apoio de uma bolsa, como Pesquisador 1-A, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

NOTAS INTRODUTÓRIAS DO ARGUMENTO

Não me move na exposição desta problemática nenhum intento de originalidade ou de ser exaustivo, a despeito de nutrir um interesse empenhado pelo tema que ocupa minhas meditações e estudos há bastante tempo, e em particular desde que fui convidado a proferir algumas aulas em curso especial da área de História para as quais iniciei o registro de meus apontamentos, afora o exame de alguns de seus aspectos correlatos noutros trabalhos já publicados [V. Bibliografia, no final]. Daí por que insisti, desde o título principal, em sublinhar seu caráter de meras notas, no intuito de suscitar a reflexão e o debate.

Eis uma relação – esta da História com a Literatura – em permanente ambigüidade e que se expressa por conflitos e contradições, mas também por aproximações e seduções mútuas. *Grosso modo*, é possível constatar que, pelo menos, de Aristóteles a Wittgenstein foram se formando modalidades de pensamento cuja tendência dominante no Ocidente leva a entronizar a razão como soberana, como forma unívoca e superior de construção disso que se chamou ‘ciência’: instrumento da racionalidade analítica, única considerada competente na formulação de leis gerais que fundamentam o conhecimento e a explicação do real. Esse processo de ruptura epistêmica, digamos simplificada, entre as “ciências” e as “letras”, vem sendo formulado sistematicamente desde o realismo aristotélico até o seu coroamento pelo positivismo em sua racionalidade analítica e instrumental. Com efeito, Aristóteles, em sua *Poética*, estabelece clara oposição entre o trabalho do *historiador* e a criação do *poeta* (diríamos hoje do ficcionista, do narrador), assinalando as diferenças antitéticas entre os dois, embora seu pensamento ainda atribuisse prevalência à poesia em relação à história, sendo aquela, segundo seu entendimento, «algo mais filosófico e mais sério» do que esta:

«Pelas precedentes considerações se manifesta que não é ofício do poeta narrar o que aconteceu; é, sim, o de representar o que poderia acontecer, quer dizer: o que é possível segundo a verossimilhança e a necessidade. Com

efeito, não diferem o historiador e o poeta por escreverem verso ou prosa (pois que bem poderiam ser postas em verso as obras de Heródoto, e nem por isso deixariam de ser história...) – diferem, sim, em que diz um as coisas que sucederam, e o outro as que poderiam suceder. Por isso a poesia é algo de mais filosófico e mais sério do que a história, pois refere aquela principalmente o universal, e esta o particular. Por “referir-se ao universal” entendo eu atribuir a um indivíduo de determinada natureza pensamentos e ações que, por liame de necessidade e verossimilhança, convêm a tal natureza; e ao universal, assim entendido, visa a poesia, ainda que dê nomes às suas personagens; particular, pelo contrário, é o que fez Alcebiades ou o que lhe aconteceu» [1973: 451].

Assim, além da pretendida unidade e da superioridade que foram sendo consolidadas ao longo dos séculos e atribuídas à razão científica, esta se tornou também excludente e expulsou de seu discurso e de seu campo de atuação – sua episteme, sua modalidade de conhecimento tida como a única legítima e verificada – todas as formas consideradas espúrias e desviantes: os afetos, as paixões e os sentimentos, a retórica, a literatura, as artes, as fantasias, os sonhos e devaneios, etc.

Todavia, *pari passu* e quase silenciosamente, uma revolução do pensamento, espécie de contraponto, ia se instituindo como modalidade outra de compreender e interpretar a realidade, como possibilidade de uma lógica operando de modo outro. E, ironia da história, isso se vem manifestar mais intensamente no mesmo século do positivismo triunfante e da burguesia ascendente e produtivista, mediante a reação da filosofia romântica, que reivindica os valores legítimos das artes e até a sua superioridade em relação à estreiteza da ciência, ou pela crítica de pensadores como Marx, Nietzsche, Freud, etc., que, posto fossem herdeiros do legado positivista, alargaram ousadamente o horizonte dos possíveis.

Mas voltemos um pouco ao *statu quo ante*, o do predomínio da cientificidade em seu paradigma clássico. Estranho destino padeceram aí os afetos, as paixões e os sentimentos. De fato, depois de terem sido

considerados pelas teorias médicas e filosóficas antigas (pelo menos até Spinoza, Locke, Hume ou Rousseau) como movimentos determinantes cuja composição organizava a vida social – conforme assinala De Certeau, mencionando como suporte de seu argumento o trabalho do grande economista Albert Hirschman, *The Passions and Interests* [Princeton (N.J.): Princeton University Press, 1977] –, foram eles “esquecidos” pela economia produtivista do século XIX e pelo horizonte de sua epistemologia positivista, rejeitados como pertencendo ao domínio do “literário”, ou seja, o seu estudo tornou-se uma especialidade de literatos que já não dependia da filosofia política ou da economia. Com Freud, porém, esse eliminado da ciência ressurgue num discurso econômico (o da economia libidinal): eis que de forma notável, na sua perspectiva própria, o pensamento freudiano resgata simultaneamente a pertinência das paixões, da retórica, da literatura e das artes, as quais haviam sido excluídas em bloco do paradigma de cientificidade dominante. Tal retorno se efetua, em Freud, pela via do inconsciente. Na verdade, esse retorno é primeiramente uma constatação, a saber, a observação clínica, daquilo que a epistemologia decimonônica fez das paixões, exilando-as dos discursos legítimos da “razão” social, deportando-as para o território do “não sério” que é o “literário”, reduzindo-as a desvios psicológicos em relação à ordem; enfim, de todas as maneiras, marginalizando-as. Essa rejeição epistemológica está, aliás, ligada à excomunhão ética proferida por uma burguesia produtivista. Segundo sua concepção própria do aparelho psíquico, Freud recupera os afetos, portanto, aí mesmo onde foram lançados por uma história recente em meio aos dejetos da racionalidade e os rebotelhos da moralidade: aí, porém e tanto mais ainda por terem sido recalcados, tais movimentos “cegos” e sem linguagem técnica determinam a economia das relações sociais. Freud lhes devolve sua legitimidade no discurso científico, o que por sua vez deporta, evidentemente, esse discurso para o lado do romance, restaurando a força da ficção e da narratividade [De Certeau, 1987: 132-3].

Michel De Certeau, na sua qualidade de bom historiador, etnólogo e psicanalista, navega com segurança e originalidade na elucidação dessa velha querela das relações entre história e literatura. Penso em três ensaios seus, esclarecedores e fecundos, da mesma obra,

intitulados «*L’histoire, science et fiction*», «*Psychanalyse et Histoire*» e esse de que acima dei uma pequena anotação incisiva, «*Le “roman” psychanalytique: Histoire et Littérature*» [1987: 66-147]. Ele retoma neles a discussão que já vinha de suas obras anteriores [1973, 1975, etc.]. Forneço a seguir breve resumo dos passos de sua argumentação.

O primeiro desses ensaios abre com a advertência de que ‘ficção’, como seu correlativo ‘ciência’, é uma palavra perigosa, e ele a justifica por já ter buscado definir seu estatuto em trabalho anterior [«*La Fiction de l’Histoire*», in *L’Écriture de l’Histoire*, 1975]. Conforme seu entendimento, a historiografia ocidental tem lutado contra a ficção. Entre a História e as *estórias*, essa guerra intestina remonta longe no tempo. É querela familiar que, de chofre, fixa posições. Mas por sua luta contra a fabulação genealógica, contra os mitos e as lendas da memória coletiva, ou contra as derivas da circulação oral, a historiografia cria um distanciamento em relação ao dizer e ao crer comuns, e se instala precisamente nessa diferença que a acredita como sábia distinguindo-a do discurso ordinário. Não que ela diga a verdade. O historiador jamais pôde ter tal pretensão. Antes, com o aparato crítico de documentos, o erudito retira os erros às “fábulas”: o terreno que ganha sobre elas, adquire-o diagnosticando o falso. Cava na linguagem recebida o lugar que dá à sua disciplina, como se, em meio às narrativas estratificadas e combinadas de uma sociedade, ele se empenhasse em perseguir o falso mais do que em construir o verdadeiro, ou como se não produzisse verdade senão determinando erro. Seu trabalho seria o do negativo. Desse ponto de vista, como elemento de uma cultura, a ficção é aquilo que a historiografia institui como errôneo, talhando assim para si um território próprio. Cabe aqui acrescentar outra das observações do autor que retiro de outra obra sua: a história parece ser a única disciplina, com pretensão científica, a trabalhar com um objeto ausente: o passado [1973].

No nível dos procedimentos de análise (exame e comparação de documentos) como no nível das interpretações (produtos da operação historiográfica), o discurso técnico capaz de determinar os erros que caracterizam a ficção se autoriza por isso mesmo a falar em nome do real: ao propor segundo seus próprios critérios o gesto que separa os

dois discursos – um científico, e o outro ficcional – a historiografia credita para si uma relação com o real porque seu contrário está colocado sob o signo do falso. Essa determinação recíproca, que reencontramos alhures, implica uma dupla defasagem que consiste, de um lado, em tornar plausível o verdadeiro demonstrando um erro, e, ao mesmo tempo, em fazer crer no real denunciando o falso. Ela supõe, então, que o que não é falso deve ser real. Assim, outrora, argumentando contra “falsos” deuses, se fazia crer na existência de um verdadeiro. Tal procedimento se repete até na historiografia contemporânea. Simples: ao provar erros, o discurso faz passar por real aquilo que ele lhes opõe. Embora logicamente ilegítimo, tal procedimento “funciona” e “faz funcionar”. Daí, a ficção é deportada para o lado do irreal, ao passo que o discurso tecnicamente armado por designar o erro é afetado do privilégio suplementar de representar o real.

Por uma reviravolta bastante lógica, a ficção se acha também no campo da ciência. Os discursos (metafísicos e teológicos) que decifravam a ordem dos seres e a vontade de seu criador foram substituídos, mediante lenta revolução instauradora de modernidade, por escritas capazes de instaurar coerências a partir das quais produzir uma ordem, um progresso, uma história. Desprendidas de sua função epifânica de representar as coisas, essas línguas formais produzem, por suas aplicações, cenários cuja pertinência liga-se não mais àquilo que exprimem, mas àquilo que tornam possível. É uma nova espécie de ficção. Artefato científico, ela não se julga pelo real que supostamente lhe falta, mas por aquilo que permite fazer e transformar. É “ficção” não o que fotografa o desembarque lunar, mas aquilo que o prevê e o organiza, diz De Certeau numa bela imagem.

A ficção, finalmente, é acusada de não ser um discurso unívoco; noutros termos, de não possuir “apuro” científico. De fato, ela joga com uma estratificação de sentido, conta uma coisa para dizer outra, ela se esboça numa linguagem de que retira, indefinidamente, efeitos de sentido que não podem ser nem circunscritos nem controlados. Diferente do que se passa numa linguagem artificial, em princípio unívoca, ela não possui lugar próprio. Ela é “metafórica”. Move-se, incapturável, no campo do outro. O saber não se acha aí num lugar seguro, e seu esforço consiste em analisar de modo a reduzi-la ou traduzi-la em elementos

estáveis e combináveis. Desse ponto de vista, a ficção lesa uma regra de cientificidade. É a feiticeira que o saber trabalha para fixar e classificar, exorcizando-a em seus laboratórios. Não é mais marcada aqui pelo sinal do falso, do irreal ou do artefato. Designa uma deriva semântica. É a sereia de quem o historiador deve se defender, tal como Ulisses atado a seu mastro. De fato, apesar do quiproquó da variedade sucessiva ou simultânea de seu *status*, a ficção, sob suas modalidades míticas, literárias, científicas ou metafóricas, é um discurso que “informa” o real, mas não pretende nem representá-lo nem se creditar por meio dele. Nisso, ela se opõe basicamente a uma historiografia que se articula sempre sobre a ambição de dizer o real e, portanto, sobre a impossibilidade de renunciar a ele. Em todo caso, ela permanece essencial.

Postas essas considerações sobre o jogo entre ciência e ficção, De Certeau sugere que sejam examinadas pelos menos três questões daí decorrentes: 1. o “real” produzido pela historiografia constitui também o legendário da instituição historiográfica; 2. o aparato científico, por exemplo a informática, possui também aspectos de ficção no trabalho histórico; 3. levada em conta a relação do discurso com aquilo que o produz, isto é, uma instituição profissional e uma metodologia científica, pode-se considerar a historiografia como um misto de ciência e ficção, ou como um lugar onde se reintroduz o tempo.

Em geral, toda narrativa que conta “o que se passa” (ou o que se passou) institui um real, na medida em que ela se dá como a representação de uma realidade (passada). Ela extrai sua autoridade ao se fazer passar por testemunha daquilo que é, ou que foi. Ela seduz, e se impõe, a título dos acontecimentos dos quais pretende ser o intérprete. Toda autoridade se funda de fato sobre o real que supostamente declara. A historiografia adquire esse poder enquanto apresenta e interpreta “fatos”. Que poderia o leitor opor ao discurso que lhe diz aquilo que é (ou foi)? Contudo, o “real” representado não corresponde ao real que determina sua produção. Ele oculta, por trás da figuração de um passado, o presente que o organiza. Eis o problema sem retoques: a encenação de uma efetividade (passada), isto é, o próprio discurso historiográfico, esconde o aparato social e técnico que a produz, ou seja, a instituição profissional. Tal operação parece assaz astuciosa: o discurso se torna crível em nome da realidade que supostamente representa, porém essa

aparência autorizada serve precisamente para camuflar a prática que a determina realmente. A representação dissimula a práxis que a organiza. E a historiografia sapiente não escapa às coerções das estruturas socioeconômicas que determinam as representações de uma sociedade. Em suma, como dizia Michelet, ela é o trabalho de vivos para «acalmar os mortos»...

Que as identificações de tempo, de lugar, de sujeito e de objeto supostas pela historiografia clássica não “se sustentam” e que sejam atingidas por uma “sacudida” que as perturba, a proliferação da ficção o indica há muito tempo. Mas é uma parte tida por vergonhosa e ilegítima – obscura metade que a disciplina denega. É, aliás, curioso que a historiografia tenha sido, no séc. XVII, posta no extremo oposto: o historiador generalista se glorificava então de praticar o gênero retórico por excelência. Em três séculos, a disciplina passou de um pólo a outro. Essa oscilação é já um sintoma de um estatuto. Seria preciso analisar em particular a progressiva diferenciação que, no séc. XVIII, separou as “ciências” das “letras”: a historiografia se achou distendida entre os dois continentes aos quais a ligava seu papel tradicional de ciência “global” e de conjunção simbólica da sociedade. Todavia, a melhoria de suas técnicas e a evolução geral do saber a levaram cada vez mais a camuflar seus laços, cientificamente inconfessáveis, com o que, durante esse tempo, tomou a forma de “literatura”.

Para devolver sua legitimidade à ficção que habita o campo da historiografia, é mister primeiro “reconhecer” no discurso tido como científico o recalcado que tomou a forma de “literatura”. As manhas do discurso com o poder inclinado a utilizá-lo sem o servir, as aparições do objeto como ator fantástico no próprio lugar do “sujeito do saber”, as repetições e os retornos do tempo supostamente passado, os disfarces da paixão sob a máscara de uma razão, etc., tudo isso deriva da ficção, no sentido “literário” do termo. A ficção tão-pouco é estranha ao real. Ao contrário, Jeremy Bentham já o assinalava no séc. XVIII: o discurso *cheio de ficção* está mais próximo do real que o discurso “objetivo”. Mas uma lógica está aqui em jogo, que não é mais aquela das ciências positivas. Ela começou a ressurgir com Freud. Sua elucidação seria uma das tarefas da historiografia. O papel tão importante da retórica no campo

historiográfico é precisamente um sintoma maciço dessa lógica diferente. Encarada, assim, como “disciplina”, a historiografia é uma ciência que não possui os meios de sê-lo. Seu discurso se encarrega daquilo que mais resiste à cientificidade (a relação social com o acontecimento, com a violência, com o passado, com a morte), i. é, aquilo que cada disciplina científica teve que eliminar para se constituir. Mas nessa posição difícil, ele busca sustentar, pela globalização textual de uma síntese narrativa, a possibilidade de uma explicação científica: o “verossímil” que caracteriza esse discurso defende o princípio de uma explicação e o direito a um sentido [1987: 66-95 *passim*].

No ensaio seguinte, entre as contribuições do pensamento de Freud – «*suas intervenções na historiografia são quase cirúrgicas*» – para a emergência dessa nova perspectiva, o autor assinala que ele: **1.** Invalida o corte entre psicologia individual e psicologia coletiva. **2.** Considera o “patológico” como região onde os funcionamentos estruturais da experiência humana se exacerbam e se desvelam. **3.** Capta na historicidade sua relação com *crises* que a organizam ou a deslocam. **4.** Modifica o “gênero” historiográfico introduzindo aí a necessidade, para o analista, de *marcar seu lugar* (afetivo, imaginário, simbólico). Faz dessa explicação a condição de possibilidade de uma lucidez, e substitui assim o discurso “objetivo” (aquele que visa a dizer o real) por um discurso que assume a figura de “ficção” (se, por “ficção”, se entende o texto que declara sua relação com o lugar singular de sua produção). [*Ibid.*: 100-101].

Enfim, o derradeiro dos ensaios indicados, e de que já me utilizei acima, permite ainda destacar algo significativo de suas contribuições críticas; porém, para não mais me alongar, limito-me a assinalar sua tese central. Com efeito, partindo da questão acerca de qual seria o impacto do pensamento freudiano sobre a configuração que rege, há três séculos, as relações entre História e Literatura, o autor desenvolve consistente argumentação em que expõe seu posicionamento. Depois de lembrar que essas duas “disciplinas” se distribuem hoje segundo as instituições que realizam sua gestão e lhes dão segurança contra acidentes, ele assinala que o divórcio entre a história e a literatura provém de um processo bastante longo para ser relatado: patente desde

o séc. XVII, legalizado no séc. XVIII como efeito da divisão entre as “letras” e as “ciências”, essa ruptura foi institucionalizada no séc. XIX pela organização universitária; ela tem por fundamento a fronteira que as ciências positivas estabeleceram entre o “objetivo” e o imaginário, a saber, entre aquilo que elas controlavam e o “resto”. Tal distinção é hoje objeto de uma revisão profunda. Nesse caso como em muitos outros, a literatura desempenha uma função de vanguarda (o romance fantástico, v.g.). A contribuição freudiana, que apresenta aspectos de romance fantástico, participa dessa revisão. Ela torna possíveis novas relações, definindo doutra forma seus termos; e faz operar uma redistribuição do espaço epistemológico. Enfim, diz respeito à *escrita* e suas relações com a *instituição*. Neste ponto, o autor declara desde logo sua tese: «*a literatura é o discurso teórico dos processos históricos. Ela cria o não-lugar em que as operações efetivas de uma sociedade acedem a uma formalização. Mui longe de encerrar a literatura como a “expressão” de um referencial, seria preciso reconhecer nela o análogo daquilo que as matemáticas foram por tanto tempo para as ciências experimentais: um discurso “lógico” da história, a “ficção” que a torna pensável*». [1987: 119].

E retiro de seu argumento, esta conclusão calcada em citações de Freud – esse movimento se desdobra com um apelo aos «poetas e romancistas» que «conhecem, entre o céu e a terra, mais coisas com que nossa sabedoria escolar sequer poderia sonhar»: «*o romancista sempre precedeu o homem de ciência*» [p. 121].

..*

Se invertermos a direção do vetor em que vimos considerando essa relação entre Literatura e História, o resultado será mais ou menos o mesmo. De fato, refletimos até agora, sobretudo, acerca do efeito de imersão dos dispositivos ficcionais e poéticos na construção do discurso historiográfico. Se insistirmos, porém, em refletir partindo deste pólo, alcançaremos efeito semelhante.

Que é, pois, a História?

Em seu clássico *Apologie pour l'Histoire*, Marc Bloch responde como segue a essa indagação: «A ciência dos homens no tempo e que

incessantemente tem necessidade de unir o estudo dos mortos ao estudo dos vivos». Portanto, a História possui sua própria história, o que significa dizer que conheceu um processo evolutivo, transformações, revoluções, ajustamentos, etc. Historiadores de tempos passados, digamos os cronistas da Idade Média, procediam mediante a narrativa de acontecimentos pitorescos, anedóticos, evocando fatos a torto e a direito, sem nenhuma inquietação no que tange à objetividade e à veracidade de seu relato. Entre o século XVI e o XVII, a História foi enriquecida por novos métodos de pesquisa, estimulados pelos trabalhos de ordens religiosas como os beneditinos de Saint-Maur – no Vale do Marne, no subúrbio sudoeste de Paris. Passo a passo a necessidade de explicação e de interpretação vai se impondo, até que no século XVIII, um Voltaire sublinha a exigência de se «observar o espírito do tempo», enquanto um Montesquieu e um Vico buscam extrair leis a partir de suas observações. Todavia, o grande momento da História permanece sendo indubitavelmente o século XIX. O impacto da Revolução Francesa abriu novas perspectivas à reflexão de historiadores como Guizot, Tocqueville ou Michelet que concebe a História como «a ressurreição da vida integral». Taine, Renan, Fustel de Coulanges, Ranke fundam uma história científica e objetiva em seus métodos, ou pelo menos se empenham por realizá-lo. Outra grande vertente desse processo historiográfico se efetua no século XX com a criação dos *Annales* por Marc Bloch e Lucien Febvre em 1929: nova concepção da História é inaugurada por este célebre periódico. Tal concepção pretende doravante produzir uma «história total», utilizando para isso todos os recursos das demais Ciências do Homem: Economia, Sociologia, Demografia, Antropologia. A História se torna então «a soma de todas as histórias possíveis», conforme a fórmula de Fernand Braudel, sucessor dos cofundadores dos *Annales*. Ela diz respeito daqui para frente às civilizações, às mentalidades e aos valores.

Atualmente, pelo esforço de historiadores como Georges Duby, Jacques Le Goff, Peter Burke, etc., a História se volta para o sonho, o imaginário, e outros temas até então inusitados, o que explica certamente seu sucesso crescente junto ao público: livros, revistas de história, biografias e romances históricos são consumidos pelo leitor do

mesmo modo que a ficção romanesca em geral. Talvez tal fenômeno se explique porque a História toca em todos os domínios da vida, porque ela se interessa pelo destino dos grandes deste mundo, mas também pelo quotidiano; enfim, porque a História apaixona e fala por vezes mais à sensibilidade do que certa forma de literatura. E assim, pelo menos no que concerne à história ocidental, da Idade Média aos nossos dias, de Joinville a Nòbert Elias ou Philippe Ariès, que souberam fazer da História o «romance vivo» da humanidade [Cf. *La Bibliothèque Idéale*, 1997, *passim*].

ALGUMAS NOTAS COMPLEMENTARES

*«Assim a literatura se
torna um organon
da história»*

Walter BENJAMIN
[1971: 14]

Barrado com um traço no manuscrito de *A Ideologia Alemã* vem a seguinte frase de Karl MARX: «Nós não conhecemos senão uma única ciência: a ciência da história... dividida em história da natureza e história dos homens.» Que pretendia significar esse pensador polêmico com essa afirmação? No meu entender, era sua intenção sublinhar com veemência o caráter de historicidade de toda construção do conhecimento, ou que em toda criação humana há inelutável dimensão histórica.

- Sempre houve um conúbio entre Clio e o Mito. (Uma nota entre parênteses: assinalo desde logo que descarto totalmente a semântica negativa pespegada pelo pensamento positivista ao termo 'mito', fazendo dele sinônimo de erro, quimera, falsidade, engodo, etc.; tomo o *mythos* em sua acepção original: relato simbólico, passado de geração em geração dentro de um grupo, que narra e explica a origem de determinado fenômeno, ser vivo, acidente geográfico, instituição, costume social etc., ou narrativa acerca dos tempos heróicos, que guarda em geral um fundo de verdade, ou ainda lenda, fábula, relato fantástico de tradição oral protagonizado por seres sobre-humanos que encarnam simbolicamente as forças da natureza ou aspectos gerais da condição humana; e o interpreto como o núcleo denso do imaginário de nossas criações em ciência, religião, arte, filosofia, literatura, etc.).

Assim, a História, velha companheira da humanidade, deixou-se seduzir, em tempos mais recentes, pelos modos de interpretação que lhe sugeriam ciências afins como a Antropologia, a Sociologia, a Linguística, a Semiologia, a Crítica das Ideologias, a Psicanálise e, sobretudo, a Teoria Literária. Daí começou a surgir a elaboração de uma "história nova" que, dentre outros atributos, deixou de dar prioridade exclusiva

ao **econômico** e ao **político** e redescobriu o homem e seus desejos por trás das **estruturas**, no escopo de unir o que fora dissociado e evitar as explicações globalizadas para ganhar em profundidade e espessura. Ou seja, essa “história nova” constatou que o **poder** articula-se desde o seio da família, da escola, etc.; que o **trabalho** - além de produzir o homem como afirma a tradição judeo-cristã e a marxista - deixa suas marcas no corpo, na saúde, nas doenças; que os deslocamentos concretos dos homens estão impregnados de símbolos, ritos e crenças. Nasceu assim uma história dos imaginários sociais; uma história dos gestos, das festas, dos laços afetivos; uma história da morte, da loucura, do terror; uma história do amor e da sexualidade; etc. Adquiriram direito de cidadania no território dessa “nova história” as mulheres, as bruxas, os homossexuais, os messianismos, as utopias, os santos, os marginais, a prostituição, os odores, os pregões e gritos de rua... Sem abandonar o poder explicativo das grandes estruturas coletivas, essa história assumiu uma face mais humana.

• Ernst CASSIRER, em seu belo ensaio de antropologia filosófica, ao comentar o conflito entre o ser e o dever, afirma que até agora nossa lógica tem sido uma lógica do ser, baseada nos conceitos fundamentais do pensamento eleático, porém não esperemos compreender mediante tais conceitos o caráter distintivo do homem. É preciso sair desse círculo mágico, pois, conforme observa ORTEGA Y GASSET, para falar do ser do homem teremos que elaborar um conceito não eleático de ser. É chegado o tempo em que a semente plantada por Heráclito produzirá sua grande colheita: «**El hombre no tiene naturaleza, lo que tiene es... historia**». [Ortega y Gasset: *Historia como Sistema*. Madrid: Revista de Occidente, 1941, pp. 35 s.].

• Inúmeras vezes foi dito - lembra Octavio PAZ no seu ensaio «Ambigüedad de la Novela» - que o traço distintivo da idade moderna consiste em fundar o mundo no homem, e que a pedra, o cimento em que se assenta a fábrica do universo, é a **consciência**. Assim, «embora Marx não funde o mundo na consciência ele faz da história uma longa caminhada a cujo termo o homem alienado será por fim dono de si mesmo, i. é, de sua própria consciência. Apenas seja o homem o senhor e não a vítima das relações históricas, a existência social será determinada

pela consciência e não o inverso, como agora. (...) a consciência surge como a conquista última e a mais alta da História. Não deixa de ser estranho, por outro lado, que as ciências mais objetivas e rigorosas se tenham desenvolvido sem obstáculos dentro dessas convicções intelectuais. (...) à diferença da antiga concepção grega da ciência, a da época moderna não é tanto uma versão ingênua da natureza (...) como uma criação das condições objetivas que permitam a verificação de certos fenômenos. (...) **De certo modo, a ciência inventa a realidade sobre a qual opera. (...) Também para o pensamento científico moderno a realidade objetiva é uma imagem da consciência e o mais perfeito de seus produtos.**» [*El Arco y la Lira*, 1990a: 219-220 - grifado por mim].

- Teria razão Paul VALÉRY ao afirmar que: «A história é o mais perigoso produto que a química do intelecto já produzira... A história justifica aquilo que quisermos. Não ensina rigorosamente nada, pois contém tudo e dá exemplos de tudo»? [*Regards sur le monde actuel*. Paris: Gallimard, 1931: 63-64]. Ou, ao contrário, a razão estaria com Henri I. MARROU que sustenta ser conveniente «colocá-la [a história] no número das mais altas vocações a que possa consagrar-se um homem»? Jacques LE GOFF lamenta que esse espírito tão agudo que foi VALÉRY confunda a história humana com a história produto do trabalho histórico.

- E Paul VEYNE é mais incisivo em seu comentário: «É nada compreender do conhecimento histórico, e da ciência em geral, o não ver que ele é subtendido por uma norma de veracidade... Assimilar a história científica às lembranças nacionais de que ela saiu é confundir a essência de uma coisa com sua origem; é não mais distinguir a química da alquimia, a astronomia da astrologia... Desde o primeiro dia (...), a história dos historiadores se definiu contra a função social das recordações históricas e se colocou como decorrendo de um ideal de verdade e de um interesse de pura curiosidade.» [«Histoire», in *Encyclopædia Universalis*, vol. VIII, Paris, 1968, p. 424]. Todavia, noutra obra importante publicada posteriormente – *Acreditavam os Gregos em seus Mitos?* Ensaio sobre a imaginação constituinte –, este grande historiador assume uma posição

mais matizada e crítica sobre a relação da história com a verdade: «... devíamos simplesmente falar de verdades. E que as próprias verdades eram imaginações. Não estamos fazendo uma idéia falsa das coisas: é a verdade das coisas que, através dos séculos, é estranhamente constituída. Longe de ser a experiência realista mais simples, a verdade é a mais histórica de todas. (...) Os homens não encontram a verdade. Fazem-na, como fazem a sua história, e elas os recompensam largamente. » [1984]. E por certo vale a pena completar sua concepção com esta sua assertiva: «Não existe método da história porque a história não faz exigências; contanto que se relatem coisas verdadeiras, ela fica satisfeita. Ela só procura a verdade, e nisso não é uma ciência, que procura a exatidão. Ela não impõe normas, nenhuma regra do jogo a subtende, nada lhe é inaceitável. Esta é a característica mais original do gênero histórico. »[*Apud* Hayden WHITE, 1991: 24].

• Num dos mais notáveis capítulos de seus *Princípios de Psicologia*, William JAMES formula a seguinte questão: «*Em que circunstâncias pensamos as coisas como reais?*» Antes dele, o *Don Quixote* já havia suscitado essa questão, insistindo na existência de realidades múltiplas. Portanto, isso implica a multiplicidade de caminhos de acesso ao seu conhecimento. Por sua vez GOETHE, em sua imensa sabedoria, asseverava:

*«Cinza, meu amigo, é toda teoria,
mas a árvore da vida é sempre verde.»*

• É, de algum modo, a partir da subversão do horizonte que nos impunha a epistemologia positivista que nasce a chamada «História nova». São em número de três suas tarefas, segundo Jacques LE GOFF [*L'histoire nouvelle*] in LE GOFF *et al.*, 1978: 238-240], que resumo a seguir:

I) PROMOVER UMA NOVA ERUDIÇÃO

Assim como a história tradicional se impôs por seu legado precioso graças a seus métodos e suas técnicas, a nova história ainda não acompanhou suficientemente a renovação dos problemas com uma renovação das técnicas de erudição. Esta primeira tarefa deve compreender sobretudo:

a) *Nova concepção de documento*, que deve ser acompanhada de nova crítica desse documento, incluindo aí a sua desestruturação a fim de desvelar suas condições de produção: quem detinha ou detém, numa sociedade de determinada época, a produção dos testemunhos que, intencionalmente ou não, tornaram-se os documentos da história? É valiosa, nesses procedimentos, a noção de *documento/monumento* proposta por FOUCAULT em sua *Arqueologia do Saber*. Ao mesmo tempo, é mister controlar e explicar as lacunas, os silêncios da história, e assentá-la tanto sobre esses vazios quanto sobre os cheios que sobreviveram.

b) *Um “retratamento” da noção de tempo*, matéria da história. Aqui também, indagar quem tinha o poder sobre o tempo, sua medida e sua utilização. É mister quebrar a idéia de um tempo único, homogêneo e linear – que constitui o legado da física newtoniana e do pensamento kantiano. Operar com os diversos tempos de uma sociedade histórica [por exemplo, o modelo da multiplicidade dos tempos sociais proposto por M. HALBWACHS: *Les Cadres Sociaux de la Mémoire*].

c) *Elaboração de métodos comparatistas* pertinentes que permitam não comparar o que não é comparável. [Exemplo: a propósito do feudalismo, evitar uma definição tão ampla que põe sob o mesmo rótulo realidades por demais distanciadas no tempo e no espaço e que não decorrem de sistemas históricos comparáveis, como as pretensas feudalidades africanas e outras].

II) PROGREDIR RUMO A UMA HISTÓRIA TOTAL INCLUINDO O IMAGINÁRIO

Ela deve antes de mais nada elaborar-se pela consideração de **todos os documentos** legados pelas sociedades: não só os tradicionais ou públicos (oficiais), mas ainda o documento literário, o artístico, etc. devem ser integrados em sua explicação, sem o desprezo habitual por sua especificidade e as concepções de que são o produto. Ou seja, uma dimensão essencial dessa história que falta operar reside no *imaginário*.

III) A PREOCUPAÇÃO COM AS IDÉIAS E AS

TEORIAS

Ao inaugurar o seu ensino no Collège de France em 1933, Lucien FEBVRE desejava que se pudesse dizer dele: «Ele teve a preocupação com as idéias e as teorias: com as **idéias**, porque as ciências só avançam pelo poder criativo e original do pensamento; com as **teorias**, porque sabemos bem, sem dúvida, que elas não abarcam jamais a infinita complexidade dos fenômenos naturais; elas não são senão seus graus sucessivos que, em seu desejo insaciável de alargar o horizonte do pensamento humano, a Ciência transpõe uns após outros...» [*Combates pela História*, 1977, v. I, p. 36].

Até aqui a “história nova” tentou escapar de dois perigos: ser excessivamente sistemática por um lado, e por outro, ser puramente empírica segundo a imagem da escola positivista. Parece pois fecunda a tendência dos novos historiadores que, sem abandonar a preocupação do teórico, insistem na multiplicidade dos aproches, tendência que nasceu do namoro com todas as outras Ciências do Homem e com a Literatura em especial.

PARA NÃO CONCLUIR A REFLEXÃO

«As palavras e os sons não são arcos-iris...? Que encantadora loucura é a palavra: com ela, o homem dança sobre todas as coisas».

NIETZSCHE

Esta ampla discussão, de que dei acima pálido resumo, intensificada com as *crises* que atingiram os fundamentos das matemáticas e das ciências mais sólidas ao final do século XIX e em especial nas décadas iniciais do passado século, abalando as certezas que estribavam as convicções do homem moderno, terminaram por atingir o projeto de uma historiografia rigorosamente científica nos termos do paradigma clássico; mais ainda com a redescoberta da historicidade de todo conhecimento e da narratividade que percorre incessante a sua produção, em suas relações com o tempo e o espaço, o poder e a morte; além da revolução na filosofia da linguagem trazendo maior fundamento a essa abertura e a perspectiva de uma nova epistemologia atenta à complexidade do real; estavam dadas assim as condições de renovação dos liames que envolvem a Ciência e a Arte, a História e a Literatura, sugerindo o recurso a outras lógicas e mesmo às poéticas antigas.

O tempo, sobretudo o passado, se põe para nós como desafio incessante e no afã de compreendê-lo nosso principal instrumento de busca e criação reside na linguagem que, por um lado, possui normas mais ou menos rigorosas e previamente estabelecidas, limitando as possibilidades de quem a utiliza; mas por outro lado, ela constitui um fluxo temporal permanente, que a vai alterando a cada época. Por mais

que porfiemos em rigor e objetividade, estaremos sempre condenados a construir novas leituras dos eventos, das pessoas e das coisas, conforme o ângulo de visão adotado em nossa circunstância e em seu horizonte cultural. A narrativa histórica é assim uma tarefa de Sísifo e mais paradoxal ainda, porque ela se institui a regra metodológica de exorcizar os anacronismos.

O fato de ambas, Literatura e História, se servirem de algo em comum – a linguagem –, assinala seu parentesco, e, portanto, elas se constituem de materiais discursivos em sua multiplicidade segundo a diferenciação de organização subjetiva de seus usuários. Nesse sentido, Hayden WHITE tem sido decerto o historiador que mais ousadamente radicalizou a tomada de posição a favor do vínculo entre teoria literária e história. Em seu denso ensaio «Teoria Literária e Escrita da História», depois de evocar a observação de Jacques BARZUN sobre o fato estranho de que a *«história, na verdade, só pode ser lida»*, ele acrescenta que isso nos lembra algumas verdades que a teoria da história se inclina a esquecer: «a saber, que a “história”... só é acessível por meio da linguagem; que nossa experiência da história é indissociável de nosso discurso sobre ela; que esse discurso tem que ser escrito antes de poder ser digerido como “história”; e que essa experiência, por conseguinte, pode ser tão variada quanto os diferentes tipos de discursos com que nos deparamos na própria história escrita. (...) É porque o discurso histórico é atualizado em sua forma culturalmente significativa como tipo específico de escrita que podemos considerar a importância da teoria literária tanto para a teoria quanto para a prática da historiografia. Antes, porém, de... discutir a importância da teoria literária para a escrita da história, é preciso fazer algumas observações sobre o discurso histórico e o tipo de conhecimento com que ele lida. Em primeiro lugar, o discurso histórico só é possível quando se pressupõe a existência do “passado” como algo

de que se pode falar de maneira significativa. Esta é a razão por que os historiadores normalmente não se preocupam com a questão metafísica de decidir se o passado *realmente* existe, ou com a questão epistemológica de definir, se é que ele existe, se podemos *realmente* conhecê-lo. A existência do passado é uma pressuposição necessária do discurso histórico... Mas, em segundo lugar, o discurso histórico, diferentemente do discurso científico, não pressupõe que nosso conhecimento da história derive de um método distinto para estudar os tipos de coisas que vêm a ser “passado” e não “presente”. Os eventos, as pessoas, as estruturas e os processos do passado podem ser tomados como objetos de estudo por toda e qualquer disciplina... Na verdade, é apenas na medida em que são ‘passado’ ou são efetivamente tratadas como tal que essas entidades podem ser estudadas historicamente; mas não é a sua condição de passado que as torna históricas. Elas se tornam históricas apenas na medida em que são representadas como assunto de um tipo de escrita especificamente histórico. BARZUN tem razão ao dizer que a história “*só pode ser lida*”, mas ela só pode ser lida se for primeiro escrita. E é porque a história tem de ser escrita antes de poder ser lida (ou antes de poder ser dita, cantada, dançada, representada ou filmada) que a teoria literária tem importância, não apenas para a historiografia, mas também e especialmente para a filosofia da história. Essa caracterização do discurso histórico (...) pretende enfatizar o fato de que... é apenas ao serem transformados em assunto do discurso histórico que nossa informação e nosso conhecimento do passado podem ser considerados “históricos”. O discurso histórico não produz portanto informação nova sobre o passado, já que a posse da informação sobre o passado, tanto nova como velha, é uma pré-condição da composição de tal discurso. Tão-pouco pode-se dizer que ele fornece novo conhecimento sobre o passado, na medida em que o conhecimento é concebido como produto

de determinado método de investigação. O que o discurso histórico produz são *interpretações* de seja qual for a informação ou o conhecimento do passado de que o historiador dispõe. Essas interpretações podem assumir numerosas formas, ... da simples crônica... até “filosofias da história” altamente abstratas, mas o que todas elas têm em comum é seu tratamento de um modo narrativo... Adaptando uma frase famosa de CROCE aos nossos objetivos, podemos dizer que onde não há narrativa, não existe discurso distintamente histórico. (...) ao caracterizar o discurso histórico como interpretação e esta como narrativização, tomo posição num debate sobre a natureza do conhecimento histórico que contrapõe “narrativa” e “teoria”, à maneira de uma oposição entre um pensamento que permanece em grande parte “literário” e até mesmo “mítico” e um pensamento que é ou aspira a ser científico. »[1991: 23-24].

Com essa citação desmesuradamente longa, porém significativa, fecho a discussão nesse nível de análise da questão, a fim de passar a algumas considerações finais acerca das relações da Literatura com a História, apoiando-me sobre a realidade mais próxima de nós.

Depois de todas as reflexões anteriores, torna-se na verdade difícil distinguir entre o que seja “*ficção*” e o que seja “*histórico*” nas práticas discursivas dessa parelha inseparável. Por um lado, durante alguns milênios o discurso literário e o discurso histórico se fundiam indistintamente num misto de oralidade e escrita – como em Homero, que cantava a história dos Gregos antigos –, e até bem perto de nós, final do século XIX, a historiografia era considerada como *gênero literário*, tal como ocorre com o polêmico Sílvio Romero no primeiro amplo balanço crítico de nossa história literária (1888). Reciprocamente, a literatura sempre se nutriu de história para sua matéria romanesca (SCOTT, ALENCAR, etc.), tanto ao criar o típico romance histórico como noutras modalidades de prosa e poesia. É o que vem sendo ilustrado no sucesso atual dos romances históricos.

Encaremos um exemplo significativo como o de Vargas LLOSA, que não é um peixe fora d'água em tais questões, visto a larga projeção de seus escritos ficcionais e ensaísticos. Com efeito, entre seus inúmeros livros, destaco o romance histórico sobre a Guerra de Canudos – *La Guerra del Fin del Mundo* – nascido em contraponto ao encantamento que lhe causou a leitura de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha. Mas quero destacar a riqueza e fecundidade de suas reflexões sobre as conflituosas e amorosas relações da Literatura com a História, que ele explora num estilo primoroso em seu livro de ensaios de crítica literária, significativamente sublinhadas desde o título: *La Verdad de las Mentiras* (1990). Nele, se confirmam verdades existenciais mais profundas mediante as mentiras que dissimulam, transfiguram ou ocultam a dura realidade de nossa condição. Ao lermos uma obra romanesca não estamos querendo nos enganar, mas abrimos as portas à fantasia por meio desse pacto fictício. [Cf. A. R. ESTEVES, 1997]. Eis por que FREUD sustentava ser a fantasia mais consistente que a realidade. Ou seja, a vida é una e nos impõe limites, e a leitura de ficção os reinventa, de modo que o que era única se converte em mil, em infinitas: esse é o maior poder da literatura e este livro de LLOSA nos faz participar dele. Ou em suas próprias palavras: «Solo la literatura dispone de las técnicas y poderes para destilar ese delicado elixir de la vida: la verdad escondida en el corazón de las mentiras humanas».

Ora, num país como o Brasil, cuja nacionalidade, após a Independência, deveu sua construção em grande parte ao projeto literário de ficcionistas como ALENCAR, Machado de ASSIS, Mário de ANDRADE, etc., é indiscutível a relevância de sua literatura para a sua historiografia, inclusive como legítimos documentos. Corro mesmo o risco de afirmar que nossa criação simbólica e estético-literária é mais significativa como invenção e interpretação de nossa realidade como

povo e nação do que a maior parte de nossa produção em Ciências Sociais e Humanas. E em perspectiva mais ampla, tal relevância do literário fazia W. BENJAMIN dizer que *«história da literatura não é uma simples disciplina, mas, em seu desenvolvimento mesmo, é um momento da história universal»*[1971: 7].

Seria por demais excessivo tentar demonstrar o longo percurso de nossa criação literária como “tradição afortunada” desse compromisso para com a construção da História do país. Não apenas por seus romances históricos (Alencar, Araripe Jr., Aluísio Azevedo, Paulo Setúbal, Pedro Calmon, Érico Veríssimo, João Ubaldo, A. Callado, Ana Miranda, etc.), mas também por seu memorialismo (Joaquim Nabuco, Graciliano Ramos, etc.), suas crônicas (Machado de Assis, etc.), sua ficção paródica e picaresca (Manuel A. de Almeida, Lima Barreto, Mário de Andrade, Ariano Suassuna, etc.), sua ensaística riquíssima e outras formas de expressão simbólica. Por isso encerro sem concluir, propondo à meditação esta palavra de Riobaldo:

«Natureza da gente não cabe em nenhuma certeza.»

BIBLIOGRAFIA COMENTADA

Nota preliminar à Bibliografia

Obviamente, esta é uma bibliografia sumária. Privilegiei os **livros** como fonte principal. Mesmo aí, indiquei publicações sobretudo nas línguas em que consigo algum controle e nas condições de nosso mercado livreiro. Embora, excepcionalmente, com um ou outro título extraído de revista, tornaria esta bibliografia por demais extensa, se fosse incluir aqui **artigos** em periódicos especializados [*Revista de História*, USP; *Estudos Históricos*, CPDOC/FGV; *Annales: Économies, Sociétés, Civilisations*; *Vierteljahrsschrift für Sozial und Wirtschaftsgeschichte* (Revista trimestral de História Social e Econômica); *Past and Present* (inglesa); *Comparative Studies in Sociology and History* (norte-americana); e inúmeras outras]; portanto, só abrirei exceção para três ou quatro artigos que concernem mais de perto à temática aqui aflorada.

ALONSO, Amado:

- 1987 *Ensayo sobre la Novela Histórica*. Madrid: Gredos. [Clássico da teoria da literatura espanhola se debruça sobre tema dominante da tradição literária, em especial ibérica].

ANGENOT, Marc:

- 1982 *La Parole Pamphlétaire*. Typologie des discours modernes. Paris: Payot. [Nas últimas décadas, os estudos literários conheceram intensa floração de novos métodos, embora áreas inteiras do discurso social moderno escapem à análise literária: este livro busca preencher a lacuna em relação à chamada “literatura de combate”].

ARISTÓTELES:

- 1973 *Poética*. Col. «Os Pensadores», v. IV. São Paulo: Abril Cultural, pp. 439-471. [Tradução,

comentários e índice analítico e onomástico de Eudoro de Souza].

AUERBACH, Erich:

1976 *Mimesis*. A representação da realidade na literatura ocidental. São Paulo: Perspectiva.
[O subtítulo explicita-lhe o sentido. Trata-se de um clássico da *erudição*, no sentido técnico desse termo. Obra seminal].

AZEVEDO, Vivianne Milward de:

S/d. «Literatura e História: uma questão narrativa». Acesso em 7/7/2006 na seguinte fonte:
<<http://www.portfolium.com.br/artigo-vivianne1.htm>>.

BANN, Stephen:

1994 *As Invenções da História*. Ensaios sobre a representação do passado. S. Paulo: Unesp.
[Analisa várias dimensões na construção do discurso histórico, com alguns capítulos especialmente sobre história e ficção].

BANNIARD, Michel:

1989 *Genèse Culturelle de l'Europe* (V^e - VIII^e siècle). Paris: Seuil. [Procura mostrar que as raízes mais profundas e distintas da Europa são culturais e em especial as dos mediadores literários].

BARBOSA, Ivone Cordeiro:

2000 *Sertão: Um lugar-incomum*. O sertão do Ceará na literatura do século XIX. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
[Originado de sua tese de doutorado, a historiadora explora argutamente a literatura como fonte de sua historiografia, enfatizando essa forma de construção desse lugar simbólico e real: o Sertão].

BARTHES, R. *et Al.*:

1977 *Poétique du Récit*. Paris: Seuil. [Estudos sobre: análise estrutural das narrativas; que

narra o romance?; estatuto semiológico da personagem, etc.].

BELLEMIN-NOËL, Jean:

1978 *Psychanalyse et Littérature*. “Que Sais-je?”-1752. Paris: PUF. [Desde suas origens, a Psicanálise sempre investiu na sua relação com a Literatura].

BELO, Fernando:

1991 *Epistemologia do Sentido*, vol. I: Entre Filosofia e Poesia, a questão semântica. [Obra densa e fundamental, como instrumento teórico e metodológico, em especial nos caps. onde discute o narrativo, o discursivo e o gnosiológico, a semântica estrutural e textual].

BENJAMIN, Walter:

1987 *Obras Escolhidas*, vol. I: Magia e técnica, arte e política. Ensaaios sobre literatura e história da cultura. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense. [Ver em especial os ensaios fundamentais sobre «O Narrador» e «O conceito da História». No 2.º vol. da edição francesa de uma coletânea do Autor: Walter BENJAMIN: *Œuvres* – 2. *Poésie et Révolution*. Paris: Denoël, 1971, o 2.º texto assinalado acima vem com o título: «Thèses sur la Philosophie de l’

Histoire»; e ainda a leitura de seu texto: «Histoire littéraire et science de la littérature»].

BESANÇON, Alain:

1971 *Histoire et Expérience du Moi*. Paris: Flammarion. [Título provocador que busca enfrentar o desafio das relações entre a História e a Psicanálise. O autor é um dos melhores realizadores de uma história psicanalítica que aceita a ação de uma lógica inconsciente das paixões na História].

BESSONE, Tania Maria:

1999 *Palácios de Destinos Cruzados: Bibliotecas, Homens e Livros*

no Rio de Janeiro, 1870-1920. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional. [Sobre bibliotecas, bibliófilos e as relações socioculturais em torno dos livros].

BEZZOLA, Reto R. et Al.:

1985 *Epopéya e Historia*. Barcelona: Argot. [Coletânea de ensaios de conhecidos especialistas relacionando os 2 âmbitos, História e Epopéia, centrando-se nos cantares de gesta franceses do s. XII que acolheram conflitos reais e imaginários de sua época].

BLOCH, Marc:

1964 *Apologie pour l'Histoire ou Métier d'historien*. Paris: A. Colin. [Um clássico da reflexão sobre o fazer da história por um dos fundadores da «histoire nouvelle». Há uma versão portuguesa desse livro com o título inexpressivo: *Introdução à História*. Lisboa: Europa-América, 1965 – mania portuguesa de mudar títulos para pior].

BONCENNE, Pierre (sous la direction de):

1997 *La Bibliothèque Idéale*. Paris: Albin Michel. [O propósito desta obra enciclopédica é o de apresentar racional e tematicamente o essencial do que foi escrito no curso dos séculos. Constitui precioso repositório das grandes obras das literaturas de todo o Mundo e sobre ciências e outros temas, contendo além disso apreciações feitas por grandes autores].

BONNAUD, Robert:

1989 *Le Système de l'Histoire*. Paris: Fayard. [Do meu conhecimento, um dos raros textos dedicados à epistemologia da história por um especialista da “meta-história”].

BOSI, Alfredo:

1992 *Dialética da Colonização*. São Paulo: Companhia das Letras. [Uma das obras consistentes surgidas recentemente, onde o uso competente dos conhecimentos literários

- ajuda a interpretar a nossa formação social e cultural. Compõem o livro ensaios que vão de Anchieta à indústria cultural de hoje].
- 2002 *Literatura e Resistência*. S. Paulo: C. das Letras. [Em especial o bom ensaio introdutório «Por um historicismo renovado: Reflexo e reflexão em história literária», pp. 7-53].
- BOSI, Ecléa:
 1994 *Memória e Sociedade*. Lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras.
 [O alcance desta obra é maior do que o título permite supor. A construção da memória tem muito que ver com a história e a ficção].
- BOURDIEU, Pierre:
 1992 *Les Règles de l'Art*. Genèse et structure du champ littéraire. Paris: Seuil. [Sociologia do fenômeno literário por um dos mais conhecidos e competentes sociólogos franceses].
- BRAUDEL, Fernand:
 1969 *Écrits sur l'Histoire*. Paris: Flammarion. [Ensaio sobre o tempo da História e sobre as relações desta com as demais Ciências do Homem].
- BROWN, Norman O.:
 1972 *Vida Contra Morte*. O Sentido Psicanalítico da História. Petrópolis: Vozes. [Conforme afirma seu subtítulo, esta obra, assumindo a descoberta de Freud segundo a qual nossos verdadeiros desejos são inconscientes e que há no homem um impulso de morte, busca fazer da psicanálise teoria mais ampla da natureza humana, da cultura e da história].
- BROWN, Richard:
 1977 *A Poetic for Sociology: toward a logic discovery for the human sciences*. N. York: Cambridge Univ. Press.
 1987 *Society as Text*. Essays on Rhetoric, Reason and Reality.

Chicago: The University of Chicago Press. [Dois ensaios inovadores que examinam a retórica das estéticas cornitivas das Ciências Sociais].

BURCKHARDT, Jacob:

1961 *Reflexões sobre a História*. Rio de Janeiro: Zahar. [Obra clássica deste grande historiador do século XIX, autor do conhecido *A Cultura do Renascimento na Itália*].

BURGUIÈRE, André (org.):

1993 *Dicionário das Ciências Históricas*. Rio de Janeiro: Imago. [Rico repositório de informações sobre a perspectiva atual da historiografia e da História, com vários temas relacionados com a problemática aqui estudada].

BURKE, Peter:

1991 *A Revolução Francesa da Historiografia: A Escola dos Annales (1929-1989)*. S. Paulo:

Edit. Unesp. [O conhecido historiador inglês dá um balanço nesses sessenta anos de um bastião da “história nova” francesa].

2000 *Variedades de História Cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. [A matéria desta obra se distribui entre o capítulo inicial, tratando das origens da *história cultural*, e o texto final sobre a unidade e variedade dessa modalidade de história, para examinar em seu miolo temas como sonhos, memória social, linguagem do gesto, o cômico, o erudito e o popular, carnaval, etc.].

2005 *Que é História Cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed. [Uma história da história cultural, que inclui a discussão de sua dimensão epistemológica].

BURKE, Peter (org.):

1992 *A Escrita da História*. Novas Perspectivas. São Paulo: Edit. Unesp. [Livro com o mesmo espírito do anterior, mais genérico porém: coletânea de ensaios sobre temas estudados pela “história nova”].

CANDIDO, Antonio:

1964 *Formação da Literatura Brasileira*. (Momentos Decisivos).

- 2ª ed. 1º vol.(1750-1836);
 2º vol.(1836-1880). São Paulo: Martins.
 1967 *Literatura e Sociedade*. Estudos de teoria e história literária. 2ª ed. S. Paulo: CEN.
 [A obra toda de Antonio Candido interessa e é importante. Estes dois livros são fundamentais, mas não são os seus únicos a tratar da temática].

CARDOSO, Ciro Flamarion:

- 1997 *Narrativa, Sentido, História*. Campinas, SP: Papirus.
 [Ocupa-se das relações da História com as Ciências Humanas, estudando os fundamentos dessa multidisciplinaridade face aos textos em suas estruturas narrativas e a produção do sentido: análise histórico-literária de narrativas e a semiótica textual e da narrativa em escritos e filmes].

CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (orgs.):

- 1997 *Domínios da História*. Ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus.
 [A obra reúne ensaios de 19 de nossos bons historiadores acadêmicos. Cobrindo vasto território temático da história – econômica, social, política, das idéias, das mentalidades e da cultura, agrária, urbana e das paisagens, empresarial, demográfica e da família, da vida privada, mulheres e sexualidade, etnológica, religiosa -, contendo ainda capítulos sobre os caminhos e descaminhos da história, e suas relações com modelos, imagens, análise de textos e informática, lamentavelmente deixou de fora as relações múltiplas e cruciais da História com a Literatura].

CARPEAUX, Otto Maria *et Al.*:

- 1981 «História», «Historicismo», «Historiografia» e, sobretudo, «Historiografia da Literatura», in *Enciclopédia Mirador Internacional*. S. Paulo e Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações, vol. 11, pp. 5759-5782. [Estes verbetes constituem admiráveis sínteses sobre os temas e problemas envolvidos nessas rubricas gerais].

CARVALHO, José Murilo de:

- 1990 *A Formação das Almas*. O Imaginário da República no Brasil. S. Paulo: Cia. das Letras. [Belo exemplo da exploração do imaginário social nos estudos históricos: utopias, ideologias, imagens, hinos, monumentos, lendas, produzidos na implantação da República entre nós, etc.].

CASSIRER, Ernst:

- 1992 *Antropología Filosófica*. Introducción a una filosofía de la cultura. México: FCE.
[Excelente obra de síntese desse grande neokantiano alemão].

CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Affonso de M. (orgs.):

- 1998 *A História Contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. [Dentre os bons ensaios que compõem a obra, destacam-se os que examinam a presença da História em escritos de Machado de Assis, mas também em José de Alencar e Mário de Andrade].

CHAPPINI, Lúgia & AGUIAR, Flávio Wolf de (orgs.):

- 1993 *Literatura e História na América Latina*. São Paulo: Edusp/Centro Ángel Rama.
[Primeira obra especificamente sobre o tema no Brasil, ela apresenta importante conjunto de trabalhos, seguidos de debates, pelos participantes de um seminário internacional sobre o tema, realizado na Universidade de São Paulo, em 1991].

CHARTIER, Roger:

- 1990 *A História Cultural* (entre práticas e representações). Lisboa/Rio de Janeiro: Difel Bertrand. [Ensaio de uma sociologia histórica das práticas culturais].
- 1999 *A Aventura do Livro, do leitor ao navegador*. Conversações com Jean Lebrun. S. Paulo: Imprensa Oficial / Edit. Unesp. [Em face da promessa de universalização da informação surgida com a Internet, indaga-se sobre o futuro do livro.

É este especialista em história do livro e da leitura busca responder investigando o que nos ensina o seu passado, nesta obra ricamente ilustrada].

CHAUNU, Pierre:

1976 *A História como Ciência Social. A Duração, o Espaço e o Homem na Época Moderna* [Inventor da “história serial” e cultor da história quantitativa].

COUTINHO, Afrânio:

1976 *Conceito de Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro/Brasília: Pallas-INL. [Obra teórica].

COUTINHO, Afrânio (org.):

1980 *Caminhos do Pensamento Crítico*. 2 vols. Rio de Janeiro/Brasília: Pallas-INL.
[Excelente coletânea das manifestações da inteligência brasileira sobre o Brasil. Apesar de sua extensão, possui lacunas injustificáveis].

DADOS:

1990 *Revista de Ciências Sociais*, vol. 33 (1): «Interpretação e Narrativa». [Número todo dedicado a essa problemática e mais especialmente o artigo de Olavo Brasil de Lima Jr.: «Quando a Ficção se Historiciza e a História se Ficcionaliza», e o de Helena Bomeny: «Encontro suspeito: História e Ficção»].

DALCASTAGNÈ, Regina:

2001 «Da senzala ao cortiço: história e literatura em Aluísio Azevedo e João Ubaldo Ribeiro», *Revista Brasileira de História*, S. Paulo, v. 21, n.º 32, pp. 483-494.

DARTON, Robert:

1995 *O Beijo de Lamourette*. Meios de comunicação, cultura e revolução. S. Paulo: Cia. das Letras. [Boa coletânea de ensaios desse historiador norte-americano sobre história social das idéias, história cultural e em especial a boa vizinhança da História com a Literatura, a Antropologia e a Sociologia do conhecimento].

DECCA, Edgar Salvadorie de & LEMAIRE, Ria (orgs.):

- 2000 *Pelas Margens*. Outros caminhos da História e da Literatura. Campinas e P. Alegre:
Ed. da Unicamp / Ed. da UFRGS. [Coletânea de ensaios de vários autores explorando essa interface de ficção e narrativa histórica].

DE CERTEAU, Michel:

- 1973 *L'Absent de l'Histoire*. Paris: Mame. [Coletânea de ensaios deste excelente historiador e psicanalista, tanto de seus próprios trabalhos sobre místicas e messianismos, quanto sobre os de Foucault, Bremond, Kolakowski, etc.].
- 1975 *L'Écriture de l'Histoire*. Paris: Gallimard. [A meio-caminho entre a história e meta história, um conjunto de ensaios desse estudioso que era ao mesmo tempo historiador, etnólogo e psicanalista. Texto fecundo e inovador].
- 1987 *Histoire et Psychanalyse entre science et fiction*. Paris: Gallimard. [Ensaio póstumo organizado por sua colaboradora Luce Giard. Traz estudos específicos sobre Psicanálise, História e Literatura].

DOBRANXKY, Enid Abreu:

- 1992 *No Tear de Palas*. Imaginação e gênio no século XVIII: uma introdução. Campinas:
Papirus/Ed. Unicamp. [Uma análise da imaginação e da estética literária no s.XVIII].

DOSSE, François:

- 1992 *A História em migalhas*. Dos "Annales" à "Nova História". Campinas: Ed. Unicamp. [Livro raivosamente crítico. Mas isso é bom: evita a divinização e faz pensar].

DUBY, Georges et LARDREAU, Guy:

- 1980 *Dialogues*. Paris: Flammarion. [Notável historiador e medievalista francês, autor de obras fundamentais como *Le Temps des Cathédrales: art et société, 980-1420* (1976), *Les Trois Ordres ou l'Imaginaire du Féodalisme* (1978) e *Le Chevalier, la Femme et le Prêtre: le mariage dans*

la France féodale (1981), prefere o exercício de seu ofício a falar dele. Nesta obra, no entanto, submeteu-se às indagações do filósofo Guy Lardreau e daí surgiu esse testemunho precioso sobre o fazer da História, para a qual exige que assuma o estilo de gênero literário especial].

DUBY, Georges:

1993

A História Continua. Rio de Janeiro: Zahar Editor – Editora UFRJ. [Trata-se do belo depoimento desse grande historiador, em que narra sua própria história, distanciando-se tanto do positivismo que pretende estabelecer a cientificidade do fato, quanto da história alucinada que pretende a “ressurreição do passado”, ele ressalta que é impossível conhecer de fato os homens do passado, visto que o possível no caso é imaginá-los como sombras por trás dos documentos].

DUCROT, Oswald & TODOROV, Tzvetan:

1972

Dictionnaire Encyclopédique des Sciences du Langage. Paris: Seuil. [Obra básica, que compendia os conhecimentos atuais sobre a temática, distribuídos em três áreas: as escolas; os domínios; os conceitos metodológicos; os conceitos descritivos. Há versão portuguesa desta obra coordenada por Eduardo do Prado Coelho].

ESTEVES, Antônio R.:

1997

«Literatura e História: um diálogo produtivo». In REIS, Livia de Freitas (ed.): *Fronteiras do Literário*. Niterói: EDUFF, pp. 65-73. [Ótima reflexão].

FAORO, Raymundo:

1976

Machado de Assis: A Pirâmide e o Trapézio. 2ª ed. São Paulo: CEN. [Até hoje o mais brilhante ensaio de reconstituição da sociedade brasileira no segundo reinado a partir da obra de M. de Assis e bela demonstração da fecunda relação entre Literatura e História].

FAYE, Jean Pierre:

1972

Théorie du Récit. Introduction aux «Langages Totalitaires».

Paris: Hermann. [Quando Marx, na *Ideologia Alemã*, escreveu: «Só conhecemos uma única ciência: a ciência da história», ele reportava implicitamente todo o problema do conhecimento científico à questão sobre a narrativa. Este livro trata de explicitar essa relação].

FEBVRE, Lucien:

1977 *Combates pela História*, 2 vols. Lisboa: Edit. Presença. [Como o livro de M. Bloch, este constitui as tomadas de posição do segundo grande criador da «história nova». Mais incisivo e combatente que o primeiro].

FEBVRE, Lucien & MARTIN, Henri-Jean:

1972 *O Aparecimento do Livro*. São Paulo: Hucitec / Edit. Unesp. [Como o livro constitui um elemento essencial de nossa existência cultural, da civilização e mesmo da historiografia, eis o interesse deste estudo sobre o surgimento do livro].

FERRO, Marc:

1982? *Falsificações da História*. Lisboa: Europa-América. [Portugueses têm a triste mania de alterar, quase sempre para pior, o título original das obras que traduzem. Este livro de denúncia dos usos ideológicos da história intitula-se em francês: *Comment on raconte l'Histoire aux enfants*].

FINLEY, Moses I.:

1981 *Mythe, Mémoire, Histoire*. Les usages du passé. Paris: Flammarion. [Ensaio que estuda a relação de uma sociedade com seu passado por meio desses operadores que são o mito, a memória e a história].

FOUCAULT, Michel:

1972 *A Arqueologia do Saber*. Petrópolis: Vozes. [Livro capital para a epistemologia da história das idéias: fazer aparecer o nível das “coisas ditas”, cujo domínio é o “arquivo”, que a “arqueologia” destina-se a analisar].

FRANCASTEL, Pierre:

1993

A Realidade Figurativa. São Paulo: Perspectiva. [Obra fundamental na demonstração de como as expressões artísticas modelam e revelam a realidade social em seu processo histórico: as obras de arte constituem assim documentos de primeira ordem para o historiador e o sociólogo].

FRAGMENTOS DE CULTURA (revista):

2003

História e Literatura: limites e confrontos. Goiânia: Instituto de Filosofia e Teologia (UCG), vol. 3, julho. [Em meio a vários estudos sobre casos específicos, ver sobretudo os ensaios: de Jorge Ibarra Cuesta, «Puntos de Contactos entre la Narrativa Histórica y Literaria» e de Flávio Carneiro, «Um Sonho de Quixote: considerações sobre Literatura e História»].

FRAPIER, Jean:

1976

Histoire, Mythes et Symboles. Études de littérature française. Genève: Droz. [Coletânea de ensaios que apresenta belos exemplos da colaboração entre História e Literatura].

FREUD, Sigmund:

1973

Totem y Tabu (1912-13); *Psicología de las Masas y Análisis del Yo (1920-1921)*; *El Porvenir de una Ilusión (1927)*; *El Malestar en la Cultura (1929)*; *El Porqué de la Guerra (1932)*; *Moisés y la Religión Monoteísta: tres ensayos (1934-8)*, in Obras Completas, 3 tomos. Tercera Edición Madrid: Biblioteca Nueva. [Vão mencionados aqui os principais trabalhos que compõem a “obra sociológica” de Freud, onde se elabora uma concepção da sociedade e da história].

FROMM, Erich:

1966

A Linguagem Esquecida. 3ª ed. Rio de Janeiro: Zahar. [Ensaio fundamental deste membro da escola de Frankfurt, que propõe um entendimento da linguagem simbólica nos sonhos, mitos, contos de fada, literatura].

FRYE, Northrop:

1984 *Le Grand Code*. La Bible et la Littérature. Préface de T. Todorov. Paris: Seuil.

1994 *La Parole Souveraine*. La Bible et la Littérature II. Paris: Seuil. [«O Antigo e o Novo Testamento são o Grande Código da Arte», dissera W. Blake; e este grande crítico canadense, que foi Frye, após meditar sobre essa fórmula por quase meio século, busca revelar-lhe razões e implicações, pois entende que toda literatura é a produção de uma mitologia, i. é, um modelo verbal da cultura de uma sociedade].

GAGNEBIN, Jeanne Marie:

1997 *Sete Aulas sobre Linguagem, Memória e História*. Rio de Janeiro: Imago. [As belas lições deste livro têm como tema central as relações de sentido entre tempo e linguagem; outra questão central é o não-dito da reflexão filosófica, como a questão da diferença sexual, no seu jogo incessante entre alteridade e identificação].

GAUCHET, Marcel (org.):

2002 *Philosophie des Sciences Historiques*. Le moment romantique. Paris: Seuil. [Textos de: Barante, Cousin, Guizot, Michelet, Mignet, Quinet e Thierry, comentados pelo org.].

GAY, Peter:

1989 *Freud para Historiadores*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. [Este livro, respondendo às objeções mais frequentes, procura mostrar que a psicanálise constitui ferramenta legítima para a interpretação histórica do passado].

GEERTZ, Clifford:

1986 *Savoir Local, Savoir Global*. Les lieux du savoir. Paris: PUF. [Importantes ensaios desse antropólogo norte-americano que renovou o pensamento dessa disciplina: de capital importância para a “história nova”].

GINZBURG, Carlo:

1989 *Mythes, Emblèmes, Traces*. Morphologie et histoire. Paris: Flammarion. [Ensaio esclarecedores na perspectiva

da tradição italiana de uma História Antropológica, etc.].

GLÉNISSON, Jean:

1961 *Iniciação aos Estudos Históricos*. São Paulo: Difel. [Contém belo estudo sobre as vertentes da historiografia brasileira por Pedro Moacyr Campos].

GOLDMANN, Lucien:

1965 *Pour une Sociologie du Roman*. Paris: Gallimard. [Coletânea de ensaios deste pioneiro desses estudos; ver especialmente o texto intitulado «La méthode structuraliste génétique en histoire de la littérature»].

GOTTWALD, Norman K.:

1988 *Introdução Socioliterária à Bíblia Hebraica*. S. Paulo: Edições Paulinas. [Obra importante desse erudito norte-americano sobre a metodologia moderna da crítica das fontes, das formas, etc., incluindo o aprofundamento literário e os horizontes sócio-históricos dos textos].

GUENÉE, Bernard:

1991 *Histoire et Culture Historique dans l'Occident Médiéval*. Paris: Aubier Montaigne. [Utilizando a noção de “cultura histórica” de uma época e de uma sociedade, mostra como a erudição moderna se inicia com os historiadores medievais cujo trabalho amplia o campo de seus suportes].

HALLEWELL, Laurence:

1985 *O Livro no Brasil* (sua história). São Paulo: T. A. Queiroz e Edusp. [Obra importante: este historiador inglês realizou o melhor estudo cultural da história do livro no Brasil, com impressionante riqueza de informações sobre os grandes editores nacionais, e sobre a atividade editorial nos estados no séc. XX até a década de oitenta].

HAMBURGER, Käte:

1975 *A Lógica da Criação Literária*. São Paulo: Perspectiva. [Básico à teoria da Literatura].

HENTSCH, Thierry:

- 2002 *Raconter et Mourir*. L'Occident et ses grands récits. Paris: Bréal. [Obra capital sobre a significação das grandes narrativas e a relação entre narrativas e verdade: fabulação, filosofia e ciência].

HOLANDA, Sérgio Buarque de:

- 1977 *Visão do Paraíso*. Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil. "Brasiliana"-333. São Paulo: CEN.
- 1979 *Tentativas de Mitologia*. São Paulo: Perspectiva. [O autor de *Raízes do Brasil*, que foi grande historiador e bom crítico literário, sempre esteve à vontade entre esses dois territórios que ele fecundou com obras fundamentais].
- 1991 *Capítulos de Literatura Colonial*. Organização e introdução de Antonio Candido. São Paulo: Brasiliense. [Trata-se de obra póstuma, que o autor deixou incompleta, embora tenha dedicado longos anos aos ensaios que a compõem. São estudos originais e iluminadores sobre nossas epopéias, sobre o conjunto da literatura colonial, sobre Vieira e o Arcadismo, sobre Cláudio Manuel da Costa. Conforme diz Antonio Candido: «análises e observações nele contidas são as mais sólidas e brilhantes, as mais eruditas e imaginosas jamais feitas no Brasil sobre o assunto.»].

HUNT, Lynn:

- 1992 *A Nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes. [Trata-se de uma apresentação crítica da obra de alguns estudiosos que representam as correntes recentes nesse campo. O livro nasce da inspiração propiciada pelo impulso dado pela historiadora norte-americana: Natalie Zemon DAVIS].

KHÉDE, Sônia Salomão(coord.):

- 1984 *Os Contrapontos da Literatura* (Arte, Ciência e Filosofia). Petrópolis: Vozes. [Ensaaios sobre as relações da Literatura com as Ciências Sociais, a Psicanálise, etc.].

KÖHLER, Erich:

- 1974 *L'Aventure Chevaleresque. Idéal et réalité dans le roman courtois. Études sur la forme des plus anciens poèmes d'Arthur et du Graal. Traduit de l'allemand par Eliane Kaufholz. Préface de Jacques Le Goff. Paris: Gallimard. [Excelente ensaio sobre as relações entre imaginário e realidade sócio-histórica. Ver a citação de Le Goff em epígrafe no início deste trabalho].*

KOHUT, Karl (ed.):

- 1991 *Palavra e Poder. Os Intelectuais na Sociedade Brasileira. Frankfurt: Vervuert Verlag.*

LE GOFF, Jacques:

- 1984 «Documento/Monumento», *Enciclopédia Einaudi*, vol. I: Memória-História. Lisboa: Impr. Nacional-Casa da Moeda.
- 1985a *L'Imaginaire Médiéval. Essais. Paris: Gallimard.*
- 1985b *O Maravilhoso e o Quotidiano no Ocidente Medieval. Lisboa: Edic. 70.*
- 1986 *Reflexões sobre a História. Lisboa: Edic. 70.*
- 1988 *Histoire et Mémoire. Paris: Gallimard. [Ensaaios fundamentais desse importante historiador da nova historiografia. Aliás, todos os seus livros são fecundos em inovações de perspectivas e relações da História].*

LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre (dir.):

- 1976 *História. Tomo I: Novos Problemas; tomo II: Novas Abordagens; tomo III: Novos Objetos. Rio de Janeiro: Liv. Francisco Alves. [Entre inúmeros ensaios que compõem esta obra e que são de interesse para o nosso tema, destaca-se, no 2º volume, o de Jean Starobinski: «A Literatura»].*

LE GOFF, Jacques et Al.:

- 1978 *A Nova História. Lisboa: Edic. 70.*

LE GOFF, J., CHARTIER, Roger e REVEL, Jacques (dir.):

- 1978 *La Nouvelle Histoire. Les Encyclopédies du Savoir Moderne. Paris: Retz. [Fundamental].*

LE GOFF, Jacques *et Al.*:

- 1986 *Histoire et Imaginaire*. Paris: Poiesis – France Culture. [Trata-se da publicação em livro de uma mesa-redonda sobre o tema, coordenada por Michel Cazenave, do canal France Culture, da série «Caminhos do Conhecimento», da qual participaram além de J. Le Goff: Louis Marin, Jean-Pierre Peter, Michelle Perrot, Roland Auguet et Gilbert Durand].

L'HOMME:

- 2002 *Revue Française d'Anthropologie*, Paris, n.º 164, octobre-décembre: «Histoire, Littérature et Ethnologie» [Número especial em homenagem a Jean Pouillon (1916-2002), e traz trabalhos sobre a relação entre Literatura, Antropologia e História].

L'HOMME ET LA SOCIÉTÉ:

- 1969 *Revue Internationale de Recherches et de Synthèses Sociologiques*, n.º 11, Jan-Fev-Mar.: «Freudo-marxisme et sociologie de l'aliénation». [Contém trabalhos sobre psicanálise, marxismo e história].

LIMA, Lezama:

- 1988 *A Expressão Americana*. São Paulo: Brasiliense. [Esse brilhante ensaísta cubano propõe uma poética da história do Novo Mundo como modalidade de interpretação cultural].

LIMA, Luiz Costa:

- 1986 *Sociedade e Discurso Ficcional*. Rio de Janeiro: Guanabara. [Um de nossos melhores teóricos da literatura examina as relações desta com sociedade e a história, assim como a relação entre documento e ficção].
- 1989 «A Narrativa na Escrita da História e da Ficção» in *A Aguarrrás do Tempo – Estudos sobre a narrativa*. Rio de Janeiro: Rocco, pp. 15-120. [Excelente ensaio crítico sobre os estudos acerca da relação entre ficção e história].
- 2006 *História – Ficção – Literatura*. São Paulo: Companhia das

Letras. [Mais recente obra deste estudioso da literatura, em que expõe sua reflexão madura e dá o balanço de sua investigação sobre o que há de semelhança e distinção entre o discurso histórico, a ficção e a literatura, confrontando-se com o positivismo ingênuo de historiadores ciosos de suas “fontes”, assim como com a tendência equivocada de subordinar a historiografia à ficção, retirando seu suporte que é a busca da veracidade: quais são os limites entre poesia e história? Como esse contraste tem sido elaborado desde a Antiguidade? Que há de específico no historiográfico, no ficcional e no literário? Como se diferenciam entre si? Embora compartilhem recursos discursivos e estilísticos em comum, a escrita da história e a da ficção buscam metas distintas, segundo esquemas diversos e resultados diferentes: enquanto o ficcional não se ocupa da veracidade, a história busca fixá-la no conhecimento do passado. O A. rever como a aporia da verdade foi insuficientemente tratado desde a épica de Homero e a prosa histórica de Heródoto e Tucídides, para formular conceitos distintos revestidos pelos termos História, Ficção, Literatura. Pessoalmente, entendo que o traço distintivo da História não está na **verdade**, mas na **exatidão** de seu discurso].

LYRA, M^a de Lourdes Viana:

1994

A Utopia do Poderoso Império. Portugal e Brasil: bastidores da política 1798-1822. Rio de Janeiro: Sete Letras. [Estudo histórico seguro e de excelente documentação, onde as relações entre estruturas sociais e mentais, inclusive literárias, iluminam a época da preparação da Independência].

MAIRET, Gérard:

1974

Le Discours et l'Historique. Essai sur la représentation historique du temps. Paris: Mame. [O próprio subtítulo esclarece o conteúdo deste ensaio].

MANGUEL, Alberto:

1997

Uma História da Leitura. São Paulo: Cia. das Letras.

[Nesta obra preme de informação e de ilustrações, o autor nos apresenta as variadas reações no tempo que constituíram a história da leitura, indicando fatos impressionantes como o de operários de fábricas de charutos em Cuba do s. XIX que pagavam um leitor para exercer essa operação enquanto trabalhavam, ou de Pinochet que banuiu o *Don Quixote* por conter apelos à liberdade e ataques à autoridade; o autor conclui que a leitura é a mais civilizada das paixões].

MANN, Thomas:

- 1988 *Ensaio*. Seleção de Anatol Rosenfeld. São Paulo: Perspectiva. [Reflexões literárias e filosóficas do grande ficcionista, onde se destaca seu célebre ensaio «A posição de Freud na Moderna História das Idéias»].

MARGEM [revista]:

- 1992 «Narradores e Intérpretes». [Nº 1 da revista da Faculdade de Ciências Sociais-PUC/São Paulo contendo bons artigos sobre esta temática].

MAZZOLENI, Gilberto:

- 1992 *O Planeta Cultural*. Para uma Antropologia Histórica. São Paulo: Edusp. [Inovador].

MENDONÇA, C. Vinícius Costa de & ALVES, Gabriela Santos:

- 2003 «Os Desafios Teóricos da História e a Literatura», *História Hoje* – revista eletrônica de história, v. 1, n.º 2, Dez. ISSN 1806-3993. Acesso 5/7/2006 à seguinte fonte: < <http://www.anpuh.uepg.br/historia-hoje/vol1n2/historialiterat.htm> >

MENESES, Adélia Bezerra de:

- 1995 *Do Poder da Palavra*. Ensaio de Literatura e Psicanálise. [Competentes estudos tanto teóricos quanto constituídos por belas análises de várias obras, nos quais explora em perspectiva literária, psicanalítica e histórica a relação entre memória e ficção].

MENEZES, Eduardo Diatahy B. de:

- 1985 «Prometeu e Pandora entre o espelho e a máscara,

ou Fantasia, ordem e mistério no moinho do sentido (Notas sobre Mito e Ideologia)», *Revista de História* (USP), São Paulo, n.º 118, jan.-jun.: 97-159. [Ensaio em que, a partir da teoria dos discursos, uso um modelo simbólico integrando **mito, ideologia e utopia**, a fim de recuperar o sentido original do *mythos* e integrá-lo no centro do imaginário sociocultural].

1991-2 «A Cultura Brasileira “descobre” o Brasil, ou “Que País é este?!”», uma pergunta à cata de resposta», *Revista USP*, São Paulo, dez.-fev., n.º 12, pp. 76-93. [Ensaio onde busco rastrear a invenção do Brasil pela inteligência brasileira, em particular na ensaística e em sua literatura].

1992-93 «O Imaginário Popular do Sertão: Rumos para uma pesquisa em Antropologia Histórica», *Rev. de C. Sociais* (UFC), Fortaleza, vol. XXIII-XXIV, n.º 1/2, pp. 149-212.

MILNER, Max:

1984 *Freud et l'Interprétation de la Littérature*. Paris: Société d'Édition d'Enseignement Supérieur. [Boa apresentação da formação do pensamento de Freud e da relação entre Psicanálise e criação cultural].

MOMIGLIANO, Arnaldo:

1983 *Problèmes d'Historiographie* (Ancienne et Moderne). Paris: Gallimard. [Vários ensaios desse historiador italiano, professor em Oxford, Chicago e Pisa].

MORAES, Rubens Borba de:

1969 *Bibliografia Brasileira do Período Colonial*. Catálogo comentado das obras dos autores nascidos no Brasil e publicados antes de 1808. São Paulo: IEB-USP. [Impressionante documentário bibliográfico elaborado por este que é o maior conhecedor dessa temática].

1979 *Livros e Bibliotecas no Brasil Colonial*. São Paulo: LTC e Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado. [Outra fonte preciosa produzida por este estudioso, que levanta as Bibliotecas conventuais e de ordens

religiosas, bem como as privadas e públicas, e as tipografias existentes no Brasil do período colonial].

MORAZÉ, Charles:

1970

A Lógica da História. São Paulo: Difel. [Bom ensaio sobre a filosofia da História, em que o autor, sem negar o mistério que os acasos ocultam nem o caráter aleatório da ação, precisa que seus riscos geram necessidades numa dialética do possível e do certo].

MORSE, Richard M.:

1990

A Volta de McLuhanáima. Cinco estudos solenes e uma brincadeira séria. São Paulo: Companhia das Letras. [Morse é um historiador e um pensador da estirpe de um Tocqueville ou de um Eco, sério e carnavalesco mira impiedosamente sua crítica contra os clichês de nossa época, unindo de Tomás de Aquino à Escola de Frankfurt].

NIEL, André:

1978

Análise Estrutural de Textos. (Literatura, imprensa, etc.). São Paulo: Cultrix. [Bom estudo, com exemplos de análise estrutural].

NORA, Pierre (org.):

1987

Essais d'Ego-Histoire. Paris: Gallimard. [Nem autobiografia falsamente literária, nem confissões íntimas, nem profissão de fé abstrata, nem psicanálise barata; este livro diferente, em que conhecidos historiadores, como Agulhon, Chaunu, Duby, Girardet, Le Goff, Michelle Perrot, René Rémond, tentam fazer-se **historiadores de si mesmos**. Já disponível em trad. brasileira.].

NOVAES, Adauto (org.):

1992

Tempo e História. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura / Comp. das Letras. [A obra reúne os textos do ciclo de conferências *Tempo e história – caminhos da memória, trilhas do futuro*, promovido pela Secretaria Municipal de S. Paulo, comemorando

os 500 anos da descoberta da América; seus textos são produzidos por especialistas de várias áreas e, além de reflexões teóricas, examinam a temática de pelo menos três momentos significativos: 1922, 1792 e 1492; etc.].

OLIVEIRA, Lúcia Lippi:

1982 «O Romance e o Pensamento Político nos Anos 30», *Rev. de C. Sociais-UFC*, Fortaleza, vol. 12 e 13, N.º 1 e 2, pp. 147-163.

ORLANDI, Eni Puccinelli (org.):

1993 *Discurso Fundador*. (A Formação do País e a Construção da Identidade Nacional). Campinas: Pontes. [Série desigual de ensaios sobre o tema que, infelizmente, descamba para essa indigente noção de “indentidade” nacional].

ORLANDI, Eni Puccinelli:

1996 *Interpretação*. Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis: Vozes. [Trata-se mais de uma obra instrumental que trabalha com a teoria e prática dos discursos. Importa, porém, para a discussão que nos interessa].

ORTEGA Y GASSET, José:

1956 *Meditaciones del Quijote e Ideas sobre la Novela*. Madrid: Rev. de Occidente. [Partindo de reflexão preliminar sobre a cultura ocidental, examina os gêneros literários para em seguida elaborar a teoria do romance em suas relações com o Mito e a História, etc.].

PAZ, Octavio:

1990a *El Arco y la Lira*. El Poema. La Revelación Poética. Poesía y Historia. México: FCE.

1990b *Signos em Rotação*. São Paulo: Perspectiva. [Dois livros de ensaios sobre temas que interessam às relações entre História e Literatura, desse grande poeta e erudito mexicano, autor de *El Labirinto de la Soledad* sobre o caráter de seu povo].

POPPER, Karl R.:

1973 *La Miseria del Historicismo*. Madrid: Taurus. [Ensaio crítico básico sobre a natureza do conhecimento histórico].

QUEIROZ, M^a José de:

1992 *A América: A Nossa e as Outras*. 500 Anos de Ficção e Realidade 1492-1992. Rio: Agir.

REICH, Wilhelm:

1974 *A Aplicação da Psicanálise à Investigação Histórica*. Porto: Textos Marginais

REVEL, Jacques:

1990 *A Invenção da Sociedade*. Rio de Janeiro/Lisboa: Bertrand-Difel. [Ensaio de um dos representantes da “história nova”, colaborador dos *Annales*].

RICŒUR, Paul:

1969 *Le Conflit des Interprétations*. Essais d’herméneutique. Paris: Seuil.

1977 *Da Interpretação: Ensaio sobre Freud*. Rio de Janeiro: Imago.

1983 *Temps et Récit*. Tome I. Paris: Seuil.

1984 *Temps et Récit*. Tome II: La configuration dans le récit de fiction. Paris: Seuil.

1985 *Temps et Récit*. Tome III: Le temps raconté. Paris: Seuil. [Estão listados aqui alguns dos trabalhos importantes de um dos mais competentes filósofos franceses: sobretudo os dois últimos volumes analisam as relações entre História, Ficção e Tempo].

RIZZINI, Carlos:

S/d. *O Livro, o Jornal e a Tipografia no Brasil (1500-1822)*. Rio, São Paulo e Porto Alegre: Livr. Kosmos Edit. [Na primeira Parte da obra, o autor apresenta uma história geral da Informação; é na segunda parte, a maior, que ele examina os meios de comunicação desde os inícios da colonização, o ensino antes e após Pombal, a fundação da imprensa brasileira e o jornalismo nas províncias ao tempo da Independência].

ROBIN, Régine:

- 1977 *História e Linguística*. São Paulo: Cultrix. [Um dos raros estudos sistemáticos da colaboração entre historiadores e o campo linguístico. Enriquecem o livro vários exemplos de aplicação dessas técnicas metodológicas].

SAHLINS, Marshall:

- 1989 *Des Îles dans l'Histoire*. Paris: Hautes Études/Gallimard/Seuil. [Esse conhecido antropólogo analisa a construção da História].

SAMARAN, Charles (dir.):

- 1986 *L'Histoire et ses Méthodes*. Encyclopédie de la Pléiade. Paris: Gallimard. [Obra clássica sobre metodologia histórica e a erudição, mas que contempla também procedimentos e instrumentos mais atuais].

SECCHIN, Antonio Carlos *et Al* (org):

- 1998 *Machado de Assis – uma revisão*. Rio de Janeiro: Infólio. [Obra indispensável à releitura de M.de A., em especial os textos de Alcmeo Bastos: «O almoço do conselheiro - história e ficção no mesmo cardápio» e de João Alexandre Barbosa: «Literatura e história: aspectos da crítica de Machado de Assis»; etc.].

SCHWARZ, Roberto (org):

- 1983 *Os Pobres na Literatura Brasileira*. São Paulo: Brasiliense. [Importante coletânea de estudos sobre a temática expressa no título].

SERNA, Jorge Ruedas de la (org):

- 2003 *História e Literatura: homenagem a Antonio Candido*. Campinas, SP: Ed. da Unicamp / S. Paulo: Fundação Memorial da América Latina e Imprensa Oficial. [Sob o signo da relação 'História e Literatura', vários autores apresentam estudos sobre vários temas, inclusive reflexões teóricas sobre essa relação].

SEVCENKO, Nicolau:

- 1992 *Orfeu Extático na Metrópole*. São Paulo, sociedade e

cultura nos frementes anos 20.

S. Paulo: Cia. das Letras. [Professor de história da cultura da USP, desde seu livro inicial

– *Literatura como missão* – Tensões sociais e criação..., 2.^a ed., Cia. das Letras, 2003 – onde examina o panorama da história, ciência e cultura do Brasil da *Belle Époque*, a partir da obra de Euclides da Cunha e Lima Barreto, o autor tem enfrentado os desafios da História Cultural sobretudo em sua relação com a Literatura].

SINDER, Valter:

1986

Antropologia da Literatura: a obra literária como mediação do simbólico. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional-UFRJ.

SOUZA LEITE, Márcio Peter de:

1991

O Deus Odioso: psicanálise e representação do mal. (Contendo de Jacques CAZOTTE: *O Diabo Amoroso*). São Paulo: Escuta. [Bom estudo psicanalítico da História das mentalidades a partir de uma obra literária].

SÜSSEKIND, Flora:

1990

O Brasil Não É Longe Daqui. O narrador, a viagem. São Paulo: Comp. das Letras. [Original ensaio em que a literatura é examinada na perspectiva das “descobertas” e da construção da imagem do Brasil. Assim, o narrador de ficção na literatura brasileira é capturado em sua formação histórica nos anos 1830 e 1840, sobretudo nos relatos de viagem, ora como cartógrafo, ora historiador, ora cronista, em nossa prosa de ficção romântica].

SZLUTA, Jacques:

1987

La Psychohistoire. “Que sais-je?” n° 2325. Paris: PUF. [Bom texto introdutório sobre a relação da Psicanálise com a História].

THEODORO, Janice:

1992

América Barroca. Temas e Variações. Rio de Janeiro e São

Paulo: Nova Fronteira-Edusp. [Ensaio de historiadora sobre as interrelações sociais e culturais na América hispânica e portuguesa do descobrimento e do período colonial].

TODOROV, Tzvetan:

1978 *Poétique de la Prose (choix) et Nouvelles recherches sur le récit*. Paris: Seuil. [Coletânea de ensaios sobre tipos de narrativa: a primitiva ou épica, narradores, a gramática da narrativa, sua busca, segredo e transformações, etc.]

UNESCO:

1979 *América Latina em sua Literatura*. Coordenação e introdução de César Fernández Moreno. São Paulo: Perspectiva. [Livro indispensável].

UERJ-1º Colóquio:

1989 *Narrativa: Ficção e História*. Org. de Dirce Cortes Riedel. Rio de Janeiro: Imago.

UERJ-2º Colóquio:

1990 *A Interpretação*. Rio de Janeiro: Imago.

VALENSI, Lucette et Al.:

1978 *Para uma História Antropológica*. A noção de reciprocidade. Lisboa: Edições 70.

VALENSI, Lucette:

1994 *Fábulas da Memória*. A batalha de Alcácer Quibir e o mito do sebastianismo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. [Quatro séculos depois dessa formidável derrota da Cristandade face ao Islã, esta historiadora francesa realiza um belo exemplo de estudo sobre como, dos dois lados, os contos, lendas e fábulas vão se enredando na história factual].

VELHO, Gilberto (org.):

1988 «Antropologia e Literatura», *Comunicação n° 12*, Rio de Janeiro, Museu Nacional-UFRJ. [Contém estudos sobre Thomas Mann, Robert Musil e Virginia Woolf].

VENTURA, Roberto:

- 1991 *Estilo Tropical*. História cultural e polêmicas literárias no Brasil, 1870-1914. São Paulo: Cia. das Letras. [O livro examina tanto críticos e ensaistas quanto literatos do período].

VEYNE, Paul:

- 1982 *Como se Escreve a História e Foucault Revoluciona a História*. Brasília: Editora da Univ. de Brasília.
- 1983 *O Inventário das Diferenças* (História e Sociologia). São Paulo: Brasiliense.
- 1984 *Acreditavam os Gregos em seus Mitos?* Ensaio sobre a imaginação constituinte. São Paulo: Brasiliense. [Eis aqui alguns ensaios desse brilhante historiador, colaborador de Foucault: uma crítica epistemológica incisiva sobre a elaboração da História. Importantíssimos].

VOVELLE, Michel:

- 1991 *Ideologias e Mentalidades*. São Paulo: Brasiliense. [Livro fecundo para a análise conceitual e metodológica da História cultural e das mentalidades].
- 1997 *Imagens e Imaginário na História*. Fantasmas e certezas nas mentalidades desde a Idade Média até o século XX. São Paulo: Ática. [À diferença da obra anterior, esta é mais um livro de história do que sobre a História. Nele, este bom especialista em história das mentalidades analisa vários casos de suas manifestações conforme insinua o subtítulo].

VV. AA.:

- 1973 *A História Social*. Colóquio da Escola Normal Superior de Saint-Cloud, 15-16. Maio. 1965. Lisboa: Edições Cosmos. [Excelente conjunto de trabalhos sobre fins e problemas da História social, coleta e utilização das fontes, recursos técnicos e metodológicos, relações com disciplinas vizinhas. Ressalte-se a comunicação de J. Proust: «História Social e História Literária»].

VV. AA.:

1983

Iniciação à Análise Estrutural. São Paulo: Edições Paulinas. [Livro elementar sobre os procedimentos de análise estrutural de textos].

WAGLEY, Charles:

1978

«A Literatura Brasileira como Fonte para a Antropologia», Anais da Xª Reunião Brasileira de Antropologia. Salvador. [Excelente depoimento de um antropólogo norte-americano sobre nossa literatura como fonte de conhecimento do país].

WHITE, Hayden:

1991

«Teoria Literária e Escrita da História», *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro: CPDOC, v. 7, n. 13, pp. 21-43. [Texto fundamental deste defensor radical da relação H&L].

1992

Meta-História. A Imaginação Histórica do Século XIX. São Paulo: Edusp. [Texto importante de teoria da história. Esta é encarada como gênero literário cuja retórica oscila entre a metáfora e a ironia, e onde são analisadas figuras como Hegel, Michelet,

Ranke, Tocqueville, Buckhardt, Marx, etc.].

1994

Trópico do Discurso. Ensaios sobre a crítica da cultura. São Paulo: Edusp. [Excelente conjunto de ensaios, de modo especial no seu exame do texto histórico como artefato literário e das ficções da representação factual].

ZÉRAFFA, Michel:

1976

Roman et Société. Paris: PUF. [Excelente discussão sobre a sociologia do romance e das relações entre formas romanescas e formas sociais].

ZIMA, Pierre V.:

1978

Pour une Sociologie du Texte Littéraire. Coll. 10/18. Paris: UGE. [Realiza boa crítica da sociologia do romance, caracteriza a natureza do texto literário e busca entender a relação da estrutura textual com a estrutura social].

Apêndice:

NARRATIVA POPULAR EM VERSO E HISTÓRIA (Os Folhetos Populares)

CALASANS, José:

- 1984 *Canudos na Literatura de Cordel*. São Paulo: Ática. [O conhecido historiador sergipano-baiano constitui a maior fonte da história de Canudos. Neste livro ele dá o resultado de algumas de suas pesquisas].

CALMON, Pedro:

- 1949 *A História do Brasil na Poesia do Povo*. Rio de Janeiro: A Noite. [Há uma 2ª edição aumentada, Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1973].

CURRAN, Mark:

- 1998 *História do Brasil em Cordel*. São Paulo: Edusp. [Rico pela coletânea de textos da narrativa popular em verso relativos a diferentes temas de nossa História, realizada por este pesquisador norte-americano; o livro contém no entanto grande número de erros de fundo, alguns graves].

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA:

- 1987 *O Cordel, testemunha da História do Brasil*. Antologia/Nova Série. Rio de Janeiro. [Antologia, estudos e notas de Olga Santos e Marilena Vianna].

TERRA, Ruth Brito Lêmos:

- 1983 *Memória de Lutas: Literatura de folhetos do Nordeste, 1893-1930*. S. Paulo: Global.
[Um dos melhores estudos do tema, em face da montanha de bobagens que se escreve sobre a narrativa popular em verso].

Fortaleza, 30.Ago.2005 (modificado em 30.Nov.2006)

O autor é Pesquisador 1 do CNPq, Doutor em Sociologia do Conhecimento pela Université de Tours (França), Pós-doutor em História Antropológica pela École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS - Paris), tendo trabalhado aí com o Professor Jacques LE GOFF; e, no Collège de France, com o Professor Jean DELUMEAU; sócio efetivo do Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico), da Academia Cearense de Letras, da Academia de Ciências do Ceará e membro titular da Association Internationale des Sociologues de Langue Française. Professor Titular de Sociologia da UFC e da Universidade Estadual do Ceará; Professor visitante da Universidade de Colônia (Alemanha), primeiro semestre de 1996; é membro do Conselho Editorial de dez periódicos científicos. Autor de *Contrapontos – ensaios de crítica*, São Paulo: AnaBlume, 1998; etc.

Endereço: Rua Tomás Acioly, 1505
60135-180 Fortaleza, CE. - BRASIL
Tel./Fax: (085) 3261-7968
Tel.: (55 85) 3261-9027
E-mail: diatahy@ufc.br ou
preferencialmente: ediatahy@secrel.com.br